

Gerônimo, O Herói Do Sertão em:

EM CADA ALMA UM PECADO

Peça teatral de autoria de Expedycto Lyma

Uma peça em seis atos e oito personagens

PERSONAGENS

- I – Gerônimo
- II – Marcos
- III – Cóle
- IV – Marina
- V – Claudia
- VI – Zaquias
- VII – Coroné, e o Delegado
- VIII – Moleque Saci

TRABALHARÃO NOS SEQUITES ATOS OS SEQUITES PERSONAGENS:

1º ATO – Gerônimo – Marcos – Delegado – Cole – Ponta Balconista...

2º ATO – Saci – Gerônimo – Marina – Cóle – Zaquias.

3º ATO – Claudia – Marina – Gerônimo – Coroné Leopoldo – Cóle.

4º ATO – Marcos – Gerônimo – Cóle – Ponta Balconista – Marina – Saci

5º ATO – Saci – Gerônimo – Marina – Ponta Zaquias

6º ATO – Claudia – Cóle – Marina – Saci – Coroné Leopoldo – Gerônimo

1º Ato: Cenário do interior de um bar.

2º Ato: Cenário do interior de uma casa velha. (Tipo sítio)

3º Ato: Cenário do interior de uma casa nova (Tipo sítio)

4º Ato: Cenário do interior de 1 bar.

5º Ato: Cenário de uma planície.

6º Ato: Um outro cenário de paisagem, diferente.

1º ATO**EM CENA GERÔNIMO E O BALCONISTA**

Gerônimo — Sirva-me um copo de leite, senhor. Que dia esquisito está hoje. Parece que vai chover. [UM BARULHO DE TROPEL DE CAVALOS POR TRÁS DO CENÁRIO] Hein! Um bando de gente. Acho que já é tempo de me retirar, até já. [QUANDO GERÔNIMO VAI SAIR ENTRA UM BANDO].

Marcos — Vamos, vamos, abram alas, queremos passar, estamos com sede. Que foi moço? Não gostou? SENTAM NUMA DAS MESAS. FICA ASSUSTADO E SAI DE CENA]. Hé! Hé! Hé! O cara saiu assustado. Vamos ver gorducho, estamos com sede, sirva cerveja, para esses homens hospitaleiros. [O DELEGADO ENTRA EM CENA]

Delegado — Ei, amigos, podem divertir-se à vontade, mas não queremos desordem aqui.

Marcos — E quem é que falou que nós somos desordeiros?

Delegado — Bem!...Eu só estou lhe avisando, conheço bem você, Marcos.

Marcos — E eu também lhe conheço bem, delegado.

Delegado — O tempo do cangaço já passou.

Marcos — Pode dormir tranquilo delegado, nós somos gente muito pacífica, há!há!há!

Delegado — Bem, já está avisado, nada de desordem aqui na cidade. [O DELEGADO SAI DE CENA.]

Marcos — Hé! hé! hé! Você viu só o jeito do delegado burguês nada de desordem aqui na cidade, há! há! há! [A TURMA DÁ RISADA. UNS SEGUNDOS E CÓLE ENTRA EM CENA.]

Cóle — Olá, rapazes.

Marcos — Olá, Colé, venha beber conosco.

Cóle — Não agora. Marcos.

Marcos — Porque amigo?

Cóle — O delegado está por aí, e pode me ver.

Marcos — Então sente-se pelo menos, Cóle. [COLE SENTA-SE]

Cóle — Preciso falar-lhe.

Marcos — Desembuche logo então, qual a novidade?

Cóle — O negócio é o seguinte. Não é bom fazer muita algazarra aqui na cidade.

Marcos — Porque você fala assim, Cóle?

Cóle — Precisamos tomar cuidado com a lei.

Marcos — Mas você não disse que está esperando uma oportunidade para eliminar o delegado?

Cóle — Sim, mas não podemos dar na vista.

Marcos — Que nada, precisamos fazer isso logo, para os nossos planos irem avante.

Cóle — Sim, mas precisamos tomar cuidado para não dar na vista.

Marcos — Escute Cóle, e se por acaso o Coroné nos atrapalhar? Ele não sabe que estamos aqui em Lago Azul.

Cóle — Meu irmão não vai muito longe com aquela perna, e depois quem faz e desmancha lá na fazenda, é a Laura.

Marcos — Mas a pequena também costuma mandar.

Cóle — Há! Há! Há! Não se preocupe com aquelas duas! Em mim ninguém manda. [CÓLE SAI DE CENA.]

Marcos — Hé! Hé! Hé! O Cóle tem razão mesmo, homem como nós não tem ninguém

Marcos — Ei gorducho, veja logo o maço de baralho para nós. Vamos ficar aqui até o amanhecer, jogando e bebendo.

Balconista — Sinto muito, Marcos. O delegado está com o baralho. Ele não quer jogatina na cidade. [CÓLE LEVANTA]

Marcos — Então ele levou-o. Pois fique sabendo que enquanto eu estiver aqui, eu mando. Vamos, vá buscar o baralho que está com o imbecil. [O DELEGADO ENTRA EM CENA COM O REVÓLVER NA MÃO.]

Delegado — Deixe o homem em paz, Marcos. Resolvemos acabar com o jogo aqui na cidade, e antes que você cometa alguma encrenca, acho melhor ficar com sua arma.

Marcos — Está bem, delegado. Você ganhou desta vez. [MARCOS ENTREGA AS ARMAS. NESTE MOMENTO TAMBÉM GERÔNIMO ENTRA EM CENA DESARMADO]

Delegado — É melhor assim, Marcos. [O DELEGADO VIRA AS COSTAS E MARCOS DÁ UMA PUNHALADA NAS COSTAS.]

Gerônimo — Que fizestes, rapaz?

Marcos — Não se meta, moço. Foi em legítima defesa.

Gerônimo — Em legítima defesa!?

Marcos — É melhor não se meter, rapaz. Vamos embora rapazes, o gorducho e o subdelegado se encarregarão do cadáver. [SOZINHO]

Gerônimo — Miseráveis, então foi em legítima defesa, hein? Vá chamar o auxiliar do delegado para ver isso.

Balconista — Primeiro vamos tirar o homem daqui.

Gerônimo — Vamos. Gerônimo [E O BALCONISTA RETIRA O CORPO E DEPOIS SÓ GERÔNIMO ENTRA EM CENA.] Isso não pode ficar assim...Se eu tivesse armado, o cara não fugiria. Também pensei que o cangaço tinha terminado, mas enganei-me, ainda continua. [CÓLE ENTRA EM CENA]

Cóle — O que aconteceu, moço?

Gerônimo — Eu queria falar com o auxiliar do delegado.

Cóle — Sou eu mesmo, o homem do bar explicou-me o acontecido.

Gerônimo — E o que achou disso?

Cóle — É que o delegado não teve sorte.

Gerônimo — Mas não foi em legítima defesa.

Cóle — Bem, mas foi quase igual não é. [E FUMA UM CIGARRO.]

Gerônimo — Então o homem do bar não contou direito a história, eu vi o ocorrido.

Cóle — Cuidado em moço, vai se meter em complicações, com esse negócio que eu vi.

Gerônimo — Isso não pode ficar assim, que negócio é isto?

Cóle — Quer um conselho moço? Não se meta onde não é chamado, que você não entende nada de lei. Você é morador novo aqui em Lago Azul, é preciso tomar muito cuidado.

Gerônimo — Mas então, aqui em Lago Azul é assim?

Cóle — Aqui é, espero que você se acostume com o ambiente. Quer tomar um trago comigo?

Gerônimo — Não, obrigado. Não tomo bebida alcoólica.

Cóle — Quer tomar outra coisa então?

Gerônimo — Não, agora não estou querendo, fica para outra vez amigo.

Cóle — Que ideia foi a sua de vir morar aqui? [SENTAM OS DOIS]

Gerônimo — Gostei do lugar

Cóle — Precisa arrumar uma pequena para ajudar a administrar sua fazenda, rapaz.

Gerônimo — Por enquanto não. Estou com planos de vendê-la.

Cóle — Para que?

Gerônimo — Não tenho prática com o serviço.

Cóle — Por que não vende para meu irmão?

Gerônimo — Quem é seu irmão?

Cóle — O Coroné, da fazenda Âncora.

Gerônimo — Ah, já ouvi falar nele, então você é irmão dele?

Cóle — Há 35 anos.

Gerônimo — Pois é engraçado isso. O Coroné parece ter muito dinheiro, e não alinhou você ainda.

Cóle — Por que você fala assim, amigo?

Gerônimo — Pois é! Digo isso por você servir a lei aqui.

Cóle — Mas isso não vem ao caso. Eu sou o subdelegado aqui em Lago Azul, e ao mesmo tempo também, capataz de meu irmão.

Gerônimo — É bom quando uma pessoa tem capacidade para duas coisas, senhor Cóle.

Cóle — O pessoal aqui me considerou muito como subdelegado.

Gerônimo — Está se vendo mesmo que o senhor cumpre muito bem o seu dever.

Cóle — Cumpro mesmo. Se eu fosse atrás desses homens que estiveram aqui, não me adiantava nada prendê-los.

Gerônimo — Por que, senhor Cóle?

Cóle — Meu irmão os libertava e pagava a fiança ao governo.

Gerônimo — Como assim?

Cóle — Todos trabalham para ele.

Gerônimo — Ah, compreendo. Seu irmão e o Coroné, o homem mais rico do sertão, o homem que compra tudo, até a lei.

Cóle — Sim, até Lago Azul se for preciso. O xerife morreu, agora nós mandamos em tudo.

Gerônimo — Vocês vão mandar em tudo que é seu, mas em outras coisas só mandam se ajustar as contas com Gerônimo. [EXPECTATIVA]

Cóle — Que? Gerônimo?

PANO RÁPIDO.

FIM DO 1º ATO

2º ATO**MOLEQUE SACI E GERÔNIMO EM CENA**

Saci — É patrão, eu já tava ficando com cuidado de ocê.

Gerônimo — Não se preocupe, Saci. Agora pode me chamar de Gerônimo, de hoje em diante.

Saci — E e...que aconteceu que o mudou rapidamente?

Gerônimo — Eu desejo muito ser fazendeiro, mas não é possível deixar esses canalhas daqui do sertão fazerem o que bem entendem.

Saci — Eu bem que desconfiava daqueles homens da Âncora, mas o que aconteceu?

Gerônimo — É aqueles homens da Âncora mesmo. Mataram o delegado, e agora vão mandar em Lago Azul.

Saci — Mas o subdelegado é durão, Gerônimo.

Gerônimo — Durão coisa nenhuma. O subdelegado é irmão do Coroné que quer comprar a minha fazenda

Saci — Não diga, Gerônimo!

Gerônimo — Digo sim, Saci, aqui em Lago Azul está cheio de podridão.

Saci — Então precisamos acabar logo com isso.

Gerônimo — E é o que vamos fazer parceiro. [UM TROPEL DE CAVALO POR TRÁS DA CENA]

Saci — Um cavaleiro vem vindo na direção Gerônimo, pelo jeito é uma moça. [BATEM NA PORTA]

Gerônimo — Diga que entre.

Saci — Entre moça. [MARINA ENTRA EM CENA]

Marina — Bom dia, gente.

Gerônimo — Bom dia, senhorita.

Marina — Pode me chamar de Marina.

Gerônimo — Muito bem, Marina, que noticia a traz aqui na fazenda?

Marina — Nada, é que eu vim me certificar de uma coisa.

Gerônimo — Certificar o que?

Marina — Meu tio disse que o senhor se chama Gerônimo.

Gerônimo — E daí?

Marina — Então é verdade, que você é o herói do sertão?

Gerônimo — Bem...chamam-me de Gerônimo, mas se sou herói não sei.

Marina — Mas pensei que Gerônimo era um aventureiro.

Gerônimo — Todos os seres tentam mudar de vida, algum dia.

Marina — E como conseguiu tudo isso Gerônimo?

Gerônimo — Não se preocupe comigo moça, mas se quer saber, é uma herança.

Marina — Mas é esquisito, parece que você quer vender isto, não é?

Gerônimo — Se eu achar um bom negócio, vendo.

Marina — Papai vem vê-lo para comprar.

Gerônimo — O Coroné sempre compra todas as terras da redondeza, terei prazer em vender para ele, Marina.

Marina — Pode ser muito caro.

Gerônimo — Não, o preço que vale. [A MOÇA PENSA UM POUCO]

Marina — Quanto vale tudo?

Gerônimo — Ainda não balizei.

Marina — Está bem, eu direi a ele, até já.

Gerônimo — Quer que acompanhe até lá? [MARINA DÁ UM SORRISO.]

Marina — Não, obrigada. [MARINA SAI DE CENA]

Saci — Mas você não me contou nada disso Gerônimo!

Gerônimo — Não contei o que?

Saci — De vender a nossa fazenda.

Gerônimo — Ah é, vamos vender isso Saci, concorda?

Saci — Sempre concordei com você Gerônimo, mas queria saber porque isso.

Gerônimo — É fácil Saci, não damos para fazendeiro, e depois outra, enquanto estiver o cangaço aqui no sertão, não estaremos sossegados.

Saci — Você tem razão mesmo amigo. Acho que nós precisamos primeiro acabar com os cangaceiros.

Gerônimo — Vá hoje com a trena e meça aquele vale onde é o paradeiro do gado, e à tarde contaremos as reses.

Saci — Pode deixar tudo por minha conta, Gerônimo.

Gerônimo — Ótimo, leve um vaqueiro para ajudá-lo.

Saci — Não se preocupe, daqui a pouco iremos. [SACI SAI DE CENA. SOZINHO]

Gerônimo — Esse moleque Saci é mesmo esperto. O negócio é passar isso nos

cobres. Não damos para ser fazendeiros, e depois outra, como é que vamos deixar essa macacada fazer o que bem entende? [UM TROPEL DE CAVALO POR TRÁS DO CENÁRIO] Acho que Marina já chegou na Âncora. Vem vindo uns cavaleiros de lá, o que vão querer, não sei. [SACI ENTRA EM CENA]

Saci — Gerônimo, tem uns homens aí querendo conversar com ocê.

Gerônimo — De onde são?

Saci — São da fazenda Âncora mesmo.

Gerônimo — Hé! hé! Eu bem que calculei, mesmo. Mande entrar aqui falar comigo.

[SACI SAI DE CENA, PARA UM POUCO E DEPOIS ENTRA EM CENA CÓLE E BURGUEÊS]

Cóle — Óla, Gerônimo

Gerônimo — Olá, Cóle, traz alguma novidade?

Cóle — Sim, Gerônimo. Então você está mesmo disposto a vender a fazenda para nós?

Gerônimo — Se der negócio, talvez.

Cóle — Olhe Gerônimo, meu irmão me mandou fazer uma oferta, se caso você gostar, procure nós na Âncora, tá?

Gerônimo — Qual é a oferta do Coroné, Cóle?

Cóle — A nossa oferta é esta: compramos tudo que é seu e pagamos 12 contos de réis à vista, que acha?

Gerônimo — Nada feito, quero o dobro, e por menos não vendo.

Cóle — Você pode querer o dobro, mas aqui no sertão não tem outro homem que compre.

Gerônimo — Não tem importância. Se ninguém pagar 24 contos, eu não a venderei.

Cóle — Bem, Gerônimo. Você é quem sabe. Meu irmão não pagará mais que isso. Eu acho que é bem pago.

Gerônimo — Não preciso da esmola de seu irmão.

Cóle — Está bem, se caso você resolver pode nos procurar.

Gerônimo — Por esse preço, não vou procurar ninguém.

Cole — Decida-se sozinho. Vamos burguês. [CÓLE E O BURGUEÊS SAEM DE CENA]

Gerônimo — [A SÓS] Imagine só, 12 contos de réis, por tudo isso. Não, não vendo por esse preço.

ZAQUIAS ENTRA EM CENA

Zaquias — Como é patrão, então vai nos despedir, mesmo?

Gerônimo — Não sei se vai dar negócio, Zaquias. Mas não se preocupe, sempre vamos precisar de um cozinheiro.

Zaquias — É, o pessoal que vai estranhá isso. Já estão muito acostumados com o sistema de oceis.

Gerônimo — Pois é, Zaquias, eu e Saci não damos para isso. Nós não gostamos de coisas erradas, e é o que tem muito aqui no sertão.

Zaquias — Ocê tem razão mesmo. Aqui no sertão quem tem mais que o outro, é o mais forte.

Gerônimo — Mas vai ter um ponto final no banditismo, aqui em Lago Azul.

Zaquias — Bem...Pensando bem aqui em Lago Azul precisa acabar com a lei do mais forte.

Gerônimo — E é o que Gerônimo vai tentar fazer.

Zaquias — Mas, por isso não precisa você vender a fazenda, patrão.

Gerônimo — Vamos ver, não é? Eu vou pensar ainda. [UM TROPEL DE CAVALO POR TRÁS DA CENA]

Zaquias — Acho que é o moleque Saci que já está de volta com o Gabriel. [UM BATER NA PORTA]

Gerônimo — Vá atender, Zaquias.

[SACI ENTRA SEM BATER NA PORTA. FAZ QUE VAI ATENDER]

Zaquias — É mesmo, deve ser outra pessoa. [ZAQUIAS SAI DE CENA. ENTRA COM MARINA]

Marina — Olá, Gerônimo.

Gerônimo — Olá, Marina. Você de novo?

Marina — Então, não te agrada minha visita?

Gerônimo — Sim, como não. Queira sentar-se por favor. [MARINA SENTA EM UMA CADEIRA]

Gerônimo — Alguma notícia boa, Marina?

Marina — Não posso dizer-lhe isso, mas acho que você devia estar de olhos abertos com os vaqueiros de casa.

Gerônimo — Hé! Hé! Vaqueiros não desordeiros de sua casa, mas não se preocupe conosco, estamos acostumados a lidar com gente dessa laia.

Marina — Eu sei, mas você ainda não conhece, bem eles.

Gerônimo — Eu e Saci já conhecemos gente pior que eles, Marina, mas não

durarão muito.

Marina — Bem...,mas é bom ter um pouco de cuidado, Gerônimo.

Gerônimo — Sim, como não? Com esses canalhas, todo cuidado é pouco. [UM GEMIDO POR TRÁS DO CENÁRIO E O BARULHO DE UM CAVALEIRO QUE VEM CAMBALEANDO]

Marina — O que será que aconteceu Gerônimo?

Gerônimo — Sei lá, vamos ver, espere aí estão eles. [ENTRA EM CENA ZAQUIAS E MOLEQUE SACI. ENTRAM ASSIM ZAQUIAS AJUDANDO SACI PARA NÃO CAIR. A MAQUILAGEM MOSTRA SACI COM O ROSTO ACIDENTALMENTE FERIDO.]

ZaQUIAS — Ajude-me, patrão.

Gerônimo-[ASSUSTADO]— ZaQUIAS, o que aconteceu a ele? Onde está Gabriel?

ZaQUIAS — Gabriel está morto e Saci estava quase morrendo, quando eu cheguei.

Gerônimo — Mas Saci ainda está vivo

Marina — Sim, o Saci ainda está respirando. [MARINA O SOCORRE]

Gerônimo — Onde você encontrou eles?

ZaQUIAS — No parapeiro do gado. Garcia me disse que tinha visto dois cavalos selados sem cavaleiros, e decidi dar uma olhada até lá.

Gerônimo — Quem será que fez isso? Não pode ser gente estranha. Acho que descobrirei logo.

ZaQUIAS — Não sei não, patrão. Cuide dele que eu vou ver se consigo tirar o Gabriel de lá, pra fazer o enterro dele.

Gerônimo — Aonde que ele está ZaQUIAS?

ZaQUIAS — Naquele matagal que ninguém gosta de entrar, por causa dos espinhos. [ZAQUIAS SAI DE CENA]

Gerônimo — Foram os homens do Coroné, Marina. Tenho certeza disso.

Marina — Eu também penso que sim, Gerônimo. Venda isto aqui, Gerônimo. Tenho medo que aconteçam coisas piores se você não vender.

Gerônimo — Por que você pensa assim, Marina? Quer me obrigar a vender a fazenda ao seu pai?

Marina — Oh, não! Você não compreende Gerônimo!

Gerônimo — Compreendo sim, Marina! Saci está voltando a si. Saci!...Está melhor, amigo velho? [SACI RESPONDE GEMENDO]

Saci — Eu! Óh! Gerônimo, eu...eu pensei que não ia mais te vê amigo.

Gerônimo — Isso não é nada, amigo. Nós dois já passamos cada situação.

Saci — Chi Gerônimo, mas agora foi pior. Desta vez eu vi a morte de perto.

Gerônimo — Como foi acontecer isso Saci?

Saci — Não sei, Gerônimo, quando eu dei por fé já estava laçado, e me arrastaram a fim de judiar de mim.

Gerônimo — E Gabriel?

Saci — Tentou me salvar quando um dos vaqueiros passou fogo nele.

Gerônimo — Quem atirou nele?

Saci — Não sei quem foi, mas quem dava as ordens era um tal de Marcos.

Gerônimo — Hem? Marcos? O homem que matou o delegado. Miseráveis, mas não tem nada. Diga ao seu pai que amanhã vou conversar com ele, Marina.

Marina — Nós o esperamos, Gerônimo. É para bem de vocês o negócio. Até breve Gerônimo. [MARINA SAI DE CENA]

Gerônimo - [A SÓS] — Miseráveis, são todos uns canalhas. Vou vender a fazenda, mas não por 12 contos de réis, não.

Saci — Eu também acho que nós não devemos por isso fora, Gerônimo.

Gerônimo — Não vamos nos preocupar com isso, se nós não vender, pelo preço que vale, lutaremos, pelo que é nosso.

Saci — E lutaremos até o fim, amigo.

PANO RÁPIDO

FIM DO 2º ATO

3º ATO

EM CENA CLAUDIA E MARINA

Claudia — Então, ele disse que vinha hoje, Marina.

Marina — Sim, mamãe, ele virá hoje sem falta, daí então dá no que a senhora desejar.

Claudia — Não é, minha filha. Quanto mais bens nós possuírmos, melhor para você.

Marina — Não me importo muito com isso, contento-me com pouco.

Claudia — E o que você acha Marina, ele venderá para nós aquilo?

Marina — Se entrarem em acordo, talvez, mas ele não interessa muito em dispor barato.

Claudia — Não me preocupo com isso, tenho a certeza de que Gerônimo cederá.

Marina — Planeja mandar eliminar mais um?

Claudia — Hó! Não! Aquilo não foi a minha ideia.

Marina — Então, de quem foi?

Claudia — Não sei, Marina, mas acho que foi um acidente, e ele culpa os homens do Âncora.

Marina — Deixe de ser nojenta, mamãe. Um acidente que uma pessoa atira a outra pelas costas, e depois quase mata o outro de tanto espancá-lo? Belo acidente.

Claudia — Mas não foram os homens daqui.

Marina — Não, se o chefe do bando era o Marcos, quem eram os canalhas?

Claudia — Como sabes que foi Marcos? Você o viu?

Marina — Deixe de conversa mole, mamãe. O negrinho espancado que contou

Claudia — Eu vou conversar com Marcos, sobre isso. [CLAUDIA SAI DE CENA]

Marina — [À SÓS] Engraçado, antes do papai ficar doente, a mamãe era bem diferente. Como mudou agora, até para se arrumar. Antes não gostava disso, mas sempre ambiciosa, vaidosa e egoísta. Não se contenta com pouco. [O TROPEL DE UM CAVALEIRO POR TRÁS DA CENA]

Marina — Aí vem ele, Gerônimo é mesmo homem de palavra. [BATE NA PORTA]

Marina — Olá, Gerônimo, entre pra cá. [GERÔNIMO ENTRA EM CENA]

Gerônimo — Boa tarde, Marina, tudo bem aqui?

Marina — Sim, Gerônimo, sente-se, papai já levanta, ele dorme um sono todo dia depois que almoça. [GERÔNIMO SENTA-SE]

Gerônimo — Não pude vir mais cedo, estava ocupado com os ferimentos do moleque Saci.

Marina — E ele melhorou?

Gerônimo — Deixei melhor agora.

Marina — Qual é o seu plano, se vender a fazenda?

Gerônimo — Ainda não sei, Marina. Talvez eu e o Saci iremos embora daqui.

Marina — Planeja comprar mais terras em outras partes do Estado?

Gerônimo — Não sei, mesmo.

Marina — Desculpe-me, sou muito ousada, não?

Gerônimo — Bem...Um pouco, mas não faço conta disso.

Marina — Você gosta de ser aventureiro, não, Gerônimo?

Gerônimo — Não gosto, mas se for para viver contrariado prefiro ser do mundo.

Marina — É mesmo, quem é que gosta de viver contrariado? Ninguém. Já amou alguém?

Gerônimo — Uma vez

Marina — Era bonita?

Gerônimo — Não é igual você.

Marina — Mas você a amava?

Gerônimo — Marina, eu estou com pressa, preciso voltar logo. Tenho uns negócios a resolver, ainda.

Marina — Desculpe, Gerônimo. Vou chamar o papai. [MARINA SAI DE CENA]

Gerônimo — [À SÓS] Quero só ver a proposta do Coroné. [DEPOIS DE UNS MINUTOS ENTRAM EM CENA MARINA E O PAI DELA OU O CORONÉ DE ACORDO COM A MAQUILAGEM.]

Coroné — Olá, Gerônimo, então veio nos visitar mesmo.

Gerônimo — Sim, seu Leopoldo, vim ver se podemos fazer negócio. [CORONÉ LEOPOLDO SENTA-SE]

Coroné — Faremos negócio, Gerônimo, quem não fizer negócio comigo, não faz com ninguém.

Gerônimo — Espero que seja fácil mesmo, Coroné, mas primeiro quero dizer-lhe uma coisa.

Coroné — Pois não. Pode falar do que se trata.

Gerônimo — É o seguinte, um indivíduo daqui da fazenda, matou o delegado

de Lago Azul, e ontem ousou a matar um dos meus homens.

Coroné — Não é possível Gerônimo, meus homens não fariam uma coisa dessa.

Gerônimo — Eu gosto de lhe avisar a primeira vez, a segunda, eu não aprecio muito.

Coroné — Sabe, Gerônimo, eu não posso fazer nada por isso. Desde que fiquei assim, não governo mais a fazenda.

Gerônimo — É uma pena isso Coroné, o senhor não me parece tão ruim, como dizem.

Coroné — Eu gosto de comprar terras, veja este mapa. [O CORONÉ APRESENTA UM MAPA]. Aí está todo o vale, meu, eu adquiri tudo, Gerônimo e como vê, só falta a sua fazenda. [GERÔNIMO ACABA DE VER.]

Gerônimo — Tem razão, mesmo. De acordo com o mapa, só faltam minhas terras.

Coroné — Possuo isso, não por mim, eu não espero mais nada, mas minha filha é bastante jovem, e minha mulher tem muita saúde ainda.

Gerônimo — E qual é a sua última oferta seu Leopoldo?

Coroné — Espere, Gerônimo. Quer chamar o meu irmão, Marina?

Marina — Sim, já vou papai. [MARINA SAI DE CENA]

Coroné — Eu não fui vê-la mas conheço bem aquele trecho. Colé dirá quanto devemos pagar, Gerônimo.

Gerônimo — Espero que nós combinemos no preço.

Coroné — Não tenha dúvida. [COLÉ ENTRA EM CENA]

Cóle — Me chamou, Leopoldo?

Coroné — Sim, mano, Gerônimo decidiu vender a fazenda para nós, qual é a nossa oferta planejada?

Cóle — Eu já dei o preço, mano.

Gerônimo — Que? Aquele preço?

Cóle — Sim, Gerônimo, acho que você fará um bom negócio. Nossa oferta é boa.

Gerônimo — É um mau negócio para mim, 12 contos eu só quero pelo gado.

Cóle — Mas é à vista, amigo.

Gerônimo — Mesmo assim, não posso vender por esse preço.

Cóle — Decida-se, Gerônimo. Só podemos pagar essa importância.

Gerônimo — Eu vou pensar mais uma vez. Vou conversar com o moleque Saci. Até breve Coroné. [GERÔNIMO SAI DE CENA]

Cóle — Ele roeu a corda, mano, está pra nós.

Coroné — Cole, nós vencemos, mas peço-lhe uma coisa, procure não cometer mais crimes, por causa dessa fazenda.

Cóle — Pode deixar, mano. Agora não será preciso mais. Avisarei Marcos para que cessem os homicídios.

Coroné — Leve-me para dentro Cóle, aqui está frio. [COLE LEVA O CORONÉ PARA DENTRO. NISSO ENTRA EM CENA CLAUDIA]

Claudia — [À SÓS] Cóle é o tipo de homem que eu gosto. Igual ao meu gênio. Depois de dizer uma coisa, é aquilo, mesmo. Ah se eu pudesse ficar só eu e Cóle com tudo isso. Mas algum dia descobrirei um meio de acabar com Leopoldo. Ele está sendo demais aqui nesta casa. [ENTRA EM CENA LEOPOLDO]

Cóle — Claudia, pronto.

Claudia — Levou meu marido para o aposento.

Cóle — Sim, meu bem.

Claudia — Então querido, Gerônimo cedeu, não?

Cóle — Sim Claudia, mas ainda precisamos continuar a assassinar mais uns homens de lá.

Claudia — Para que meu bem?

Cóle — Para ele ficar com medo e decidir de uma vez.

Claudia — É você quem sabe, meu Cóle.

Cóle — Vamos tomar cuidado para que Marina não nos veja juntos, Claudia.

Claudia — Marina não tem nada que ver conosco.

Cóle — Ela pode contar a Leopoldo, e daí não fica bem.

Claudia — Precisamos dar um jeito em Leopoldo, para ficarmos só nós Cóle.

Cóle — Eu não vou dar jeito em ninguém, gosto de você Claudia, mas se pretende fazer alguma coisa a Leopoldo, faça sozinha. Eu não tenho coragem, porque ele é meu irmão.

Claudia — Não se preocupe com isso, meu bem.

Cóle — Mas tem que fazer logo, já estou cansado de ser rebaixado, assim.

Claudia — Eu me encarrego do meu marido, daí você será então o dono de tudo isso, nós dois Cóle.

Cóle — Será que você me ama mesmo, Claudia?

Claudia — É claro, Cóle. Se eu não gostasse de você, não me arriscaria assim.

Cóle — Vamos ver, hein? [MARINA ENTRA EM CENA]

Marina — Já conversaram

Claudia — Oh Mariana não seja tão rude conosco.

Cóle — Vou até a cidade ver como está. [COLE SAI DE CENA]

Marina — Então, pensa que eu não sei que papai está sendo traído?

Claudia — Deixe disso, Marina eu só estava conversando com Cóle.

Marina — Eu queria ter a coragem de contar isso ao papai.

Claudia — Isso não faria bem mesmo, Marina.

Marina — Algum dia eu terei coragem, mamãe.

Claudia — Marina, vamos parar com isso. É contra o meu gosto tocar nesse assunto, e depois, se eu dou alguns passos errados, é porque seu pai está assim.

Marina — Mas não devia fazer isso aqui

Claudia — Sou dona do meu nariz. Que vale seu pai para mim?

Marina — Mas, ele já valeu muito não é, mamãe?

Claudia — Cale-se, Marina. [O TROPEL DE UM CAVALO POR TRÁS DA CENA]

Marina — Está bem, não tocarei mais no assunto, mas só espero que isso tenha um ponto final. Não suporto mais ver o papai ser traído. Já sofre com a doença, e ainda mais isso, é muita coisa. [GERÔNIMO ENTRA EM CENA]

Gerônimo — Olá gente, aqui estou de novo, resolvi logo o negócio.

Claudia — Sim, sim, queira sentar, Gerônimo.

Gerônimo — Não, estou com pressa. Diga ao Coroné que quero falar-lhe.

Claudia — Cóle não está, Gerônimo, mas não deve demorar, sente-se um pouco.

Gerônimo — Queira-me desculpar dona Claudia, mas eu quero falar com o dono.

Claudia — Vá chamar, Leopoldo, Marina. [MARINA SAI DE CENA] Por que está com tanta pressa, Gerônimo?

Gerônimo — Deixei a fazenda sozinha, os vaqueiros estão marcando o gado.

Claudia — É uma pena você estar com pressa. [MARINA E LEOPOLDO ENTRAM EM CENA]

Coroné — Olá, Gerônimo fiquei muito contente, em saber que você quer falar com o dono da Âncora mesmo.

Gerônimo — Mas acho que ficaria triste em saber da minha decisão, Coroné

Coroné — Que nada, já estou acostumado com a tristeza.

Gerônimo — Serei franco, Coroné. O último preço que eu quero pela fazenda

é no mínimo vinte contos de réis.

Coroné — Mas é muita coisa Gerônimo.

Gerônimo — É palavra de homem, por menos, nem um tostão. E já vou avisar-lhe uma coisa, se não der negócio, não vão procurar me desafiar, pois tenho certeza de que não vão gostar do meu estilo.

Coroné — Imagine só! Eu vou pensar no negócio, mas se não der certo, assim, não quero ver correr sangue.

Gerônimo — Esperarei a resposta na minha casa, Coroné. Até breve.

Coroné — Até breve, Gerônimo. [GERÔNIMO SAI DE CENA]

Marina — Mas então ele é duro mesmo, papai.

Coroné — Sim filha, Gerônimo é durão, e honesto, é assim que eu gosto de ver, homem valente, honesto, não trastes, igual Marcos e os outros que estão aí na fazenda.

Marina — Eu também acho que Gerônimo é boa pessoa.

Coroné — E que par dava, você e ele em minha filha.

Marina — Nem pense nisso papai, Gerônimo é esquisito, não quer complicações, está acostumado a ser aventureiro.

Coroné — É porque ainda não encontrou a pequena de seu gosto. [UM TROPEL DE 1 CAVALO POR TRÁS DA CENA]

Marina — Côle vem aí, papai, com certeza, está tudo bem em Lago Azul. [COLE ENTRA EM CENA]

Côle — Olá, mano, o que resolveu Gerônimo do negócio? [COLÉ SENTA-SE]

Coroné — Abateu só quatro contos dos vinte e quatro.

Côle — Não é possível! Isso não é abatimento.

Coroné — Mas já não está ruim Côle.

Côle — Como não, eu acho que não é barato. Deixe isso comigo, vou ver se tento persuadi-lo mais uma vez.

Coroné — Só peço uma coisa Côle, evite derramamentos de sangue, já me desobedeceram uma vez.

Côle — Eu nunca desobedeci a suas ordens, mano.

Coroné — E Marcos? Porque matou o delegado, e o vaqueiro de Gerônimo?

Côle — Não foi ele que matou o vaqueiro.

Coroné — Mas foi a mesma coisa porque era ele quem dava as ordens, e o delegado.

Cóle — Bem, isso eu vi, foi em legítima defesa.

Coroné — Eu sei, em legítima defesa, hã. Leve-me, Marina. [MARINA E LEOPOLDO SAEM DE CENA]

Cóle — [A SÓS] Gerônimo quer 20 contos por aquilo, mas vai receber muito mais que isso. Eles são em quatro, nós somos um bando, verei se ele cederá ou não quando vir sua casa pegando fogo. Há! há! há!

PANO RÁPIDO

FIM DO 3º ATO

4º ATO

EM CENA, MARCOS BALCONISTA E SEUS HOMENS

Marcos — Há! há! há! Agora nós mandamos em Lago Azul. Vamos nos divertir muito tempo agora. [GERÔNIMO ENTRA EM CENA]

Gerônimo — Dê-me um copo de leite, por favor. [O GARÇOM SERVE.]

Marcos — Há! há! há! Veja só se leite é bebida de homem. Vamos gorducho, dá-lhe cachaça.

Gerônimo — Não...eu não posso tomar bebida alcoólica.

Marcos — Tão vendo só como esse cara não é homem, gente. [O PESSOAL DÁ GARGALHADAS]

Gerônimo — Não me provoque, Marcos.

Marcos — Qual nada rapaz, você vai tomar a cachaça, e acabou-se.

Gerônimo — O médico me proibiu de tomar álcool.

Marcos — Vai tomar esse copo, que são ordens minhas.

Gerônimo— Está bem, então. [GERÔNIMO APANHA O COPO E JOGA NO ROSTO DE MARCOS, E LHE DÁ UMA BOFETADA. MARCOS LEVANTA FURIOSO E TENTA SACAR O REVÓLVER, MAS GERÔNIMO ATIRA PRIMEIRO DERRUBANDO-O SEM VIDA.]

Marcos — Ai.....

Gerônimo — E o próximo que se mover leva chumbo. Quem se meter comigo se arrependerá amargamente. [GERÔNIMO SAI DE CENA EMPUNHANDO O REVÓLVER. ENTRA EM CENA O DELEGADO DE MÃOS PARA O ALTO

UM TROPEL DE CAVALO E CÓLE ABAIXA AS MÃOS]

Cóle — O que aconteceu aqui, gorducho?

Balconista — Gerônimo matou Marcos em legítima defesa, Cóle.

Cóle — E ninguém tentou fazer nada? Maldito Gerônimo, liquidou o melhor pistoleiro que tem no bando. Tirem o corpo daqui, e vamos preparar para acabar de uma vez com Gerônimo. Hoje, a meia noite vocês irão atear fogo na fazenda, e quando eles forem fugir não deixem escapar nenhum. [COLE E O BANDO SAI DE CENA. E MOLEQUE SACI ENTRA EM CENA]

Saci — Já pensou que situação nós estamos? Vou avisar Gerônimo que a casa vai arder hoje à meia noite. [MARINA ENTRA EM CENA]

Marina — Bom dia, gente.

Sacy — Bom dia, Marina. Preciso falar-lhe um momento, se não estiver com pressa.

Marina — Não estou com pressa, moleque Saci, de que se trata?

Sacy — É sobre os bandidos da Âncora.

Marina — Que tem eles?

Sacy — Sabe que vão queimar tudo que é nosso, esta noite.

Marina — Que judiação, quem planejou isso?

Sacy — O nosso formoso subdelegado de Lago Azul.

Marina — Cóle faria até mais que isso, em que posso ajudar, moleque Saci?

Sacy — Em nada, Marina. Agora estamos encurralados com os desordeiros.

Marina — Tenho uma ideia.

Sacy — Ch....fique quieta, Marina, Cóle pode estar por perto. Não vamos conversar sobre esse assunto aqui, pode ser arriscado. [COLE ENTRA EM CENA]

Cóle — Dê-me uma dose dupla. Olá, Marina, o que faz aqui no bar?

Marina — Nada, só estou conversando com um amigo.

Cóle — Que tipo de amigo. Você devia ter amizade com gente mais decente.

Marina — Igual a você, Cóle?

Cóle — Eu não sou indecente mesmo. Até sua mãe gosta de mim.

Marina — Não compare minha mãe comigo. Tio Cóle, eu tenho nojo de você. Odeio-o por ter arruinado a felicidade de papai.

Cóle — Eu não tenho culpa Marina. Sua mãe é quem quis fazer a infelicidade.

Marina — Mas se você não tivesse aparecido por lá, não acontecia isso.

Cóle — Engano, Marina. Se não tivesse acontecido comigo, ia acontecer com qualquer um outro.

Marina — Mas não se envergonha, por ser meu tio.

Cóle — Não me envergonho, considero-a como filha.

Marina [BRAVA]— E eu considero-o como um traste.

Cóle — Há! há! há! Você vai se acostumar com o meu jeito.

Marina — Nunca, Cóle.

Cóle — Tenho certeza disso Marina, pode ficar certa.

Marina — Matou-o um dia.

Cóle — Há! há! há! As mulheres são todas iguais mesmo ! há! há!

Saci — Escute aqui, seu Cóle. Eu acho que é muita coisa uma moça ser tratada dessa maneira.

Cóle — E com que tom de voz você está falando comigo, negrinho.

Sacy — Não disse isso para provocar, Cóle, apenas para deixar a moça em paz.

Cóle — Cale-se ou dou-lhe uma bofetada.

Marina — Deixe o rapaz em paz, Cóle. [COLE AGARRA O COLARINHO DE SACI]

Cóle — Qual nada, vou mostrar pra esse caretinha, que não deve meter-se com a vida dos outros.

Marina — O que você vai fazer com ele Cóle?

Cóle — Se ele não der o fora agora daqui, vou mandá-los chicotear. [COLE SOLTA-O]

Saci — Está bem senhor Cóle eu vou me retirar, até breve Marina.

Marina — Até breve Saci, lembranças a Gerônimo.

Sacy — Serão lembradas. [MOLEQUE SACI SAI DE CENA]

Cóle — Estou notando que você gosta um pouco de Gerônimo, mesmo.

Marina — Um pouco não. Gosto muito de Gerônimo.

Cóle — Pena que ele não vai viver por muito tempo.

Marina — Farei tudo para ajudar ele.

Cóle — Sua mãe devia saber disso Marina.

Marina — Não me importo, fora papai, ninguém manda em mim. [MARINA SAI DE CENA]

Cóle — [A SÓS] Breve veremos se ninguém manda em você, Marina. Quando seu pai morrer, eu liquidarei Claudia também, e você terá que ser minha de qualquer forma.

Minha esposa, há! há! há!

PANO RÁPIDO

FIM DO 4º ATO

5º ATO

PRÓLOGO - E FOI COMO CÓLE PLANEJOU. NAQUELA NOITE FOI INCENDIADA A CASA DA FAZENDA DE GERÔNIMO. MAS ANTES DISSO FOI RETIRADO TODOS CERCAIS QUE HAVIA LÁ DENTRO E GERÔNIMO PREFERIU NÃO LUTAR NESSE MOMENTO. QUANDO OS HOMENS VOLTARAM, ORGULHOSOS DO QUE FIZERAM, FORAM ATOCAIADOS NUMA ROCHA POR GERÔNIMO E OS SEUS VAQUEIROS. AGORA VEJA A CONTINUAÇÃO DA FABULOSA PEÇA NESTE 5º ATO.

EM CENA GERÔNIMO E SACI

Saci — Nossa Gerônimo, não restou nada.

Gerônimo — Não fique triste moleque, Saci, só queimou a casa, mas os cercais foram retirados de lá. Eles pensaram que iam nos deixar necessitados.

Saci — E o que vamos fazer agora Gerônimo?

Gerônimo — Esperar que o Coroné e o Cóle notem falta de seus homens.

Saci — E nenhum de nossos homens saíram feridos, Gerônimo.

Gerônimo — Somos poucos, mas valemos muitos. [O TROPEL DE 1 CAVALEIRO. É MARINA]

Saci — Vem um cavaleiro aí, Gerônimo.

Gerônimo — Com certeza é algum do Âncora.

Saci — Deixe dar uma olhadela, ver se conheço de longe [MOLEQUE SACI DÁ UMA OLHADELA]. É mesmo Gerônimo, mas parece que é a moça.

Gerônimo — Marina, a filha do Coroné, que quererá ela agora! Sempre está preocupada comigo.

Saci — É mesmo Gerônimo. Eu acho que ela gosta muito de ocê.

Gerônimo — Agora não podemos pensar nisso. [MARINA ENTRA EM CENA]

Marina — Bom dia, gente.

Os dois — Bom dia, Marina.

Marina — Lamento muito o que houve Gerônimo.

Gerônimo — Isso não é nada. Marina, só queimaram a casa, e nada mais.

Marina — E agora você ficou sem abrigo.

Gerônimo — Estamos acostumados a morar nas montanhas, Marina. Não notamos muitos a falta de um lar.

Saci — Gerônimo, vou ver o que os homens estão fazendo lá perto da mangueira.

Gerônimo — É mesmo, Saci, já faz horas que ouço umas marteladas, Que deverá ser?

Saci — É o que vou verificar amigo. [MOLEQUE SACI SAI DE CENA]

Marina — Cóle foi o culpado disso, Gerônimo.

Gerônimo — Não sei porque ele fez isso

Marina — Eu sei! Ele pretende afugentar todos vocês, e comprar a fazenda baratinho.

Gerônimo — Mas vai ser difícil nos afugentar. É agora que vamos começar a nossa luta, pelo que é nosso.

Marina — Agora sem Marcos ele não é muito valente.

Gerônimo — Ele nunca foi valente, e sim, um grande covarde que gosta de entrar no que está feito, sem fazer menor esforço.

Marina — O que você pretende fazer agora Gerônimo?

Gerônimo — Não sei, talvez o mesmo que me fizeram. [MOLEQUE SACI ENTRA EM CENA]

Saci — Gerônimo, uma surpresa para você...

Gerônimo — Do que moleque Saci?

Saci — Os nossos homens estão construindo outra casa para nós, não é maravilhoso isso?

Gerônimo — Hó! Como não? Então não vão desistir em Saci? Que maravilha.

Saci — Eles disseram que ao nosso lado, lutarão até o fim.

Gerônimo — Folgo em saber isso Saci, espero que possamos recomeçar tudo de novo.

Saci — E vamos recomeçar mesmo, veja só, já está quase no ponto de emadeirar.

Gerônimo — É mesmo, Marina. Vamos mostrar ao seu pai, como é que se defende a pátria.

Marina — Papai não tem ódio de você, Gerônimo.

Gerônimo — Mas arruinou-me bastante, Marina.

Marina — Não foi ele quem fez isso. Foi Cóle.

Gerônimo — Eu sei, mas ninguém vai pagar o estrago que Cóle fez.

Marina — Tenha calma. Eu vou falar com o papai para ajudá-los um pouco.

Gerônimo — Vá agora mesmo, dizer a ele que eu cobro isso.

Marina — Está bem, Gerônimo. Espere-me aqui, virei logo.

Gerônimo — Felicidades, Marina. [MARINA SAI DE CENA. TROPEL]

Saci — Será que o Coroné vai pagar os erros do seu irmão?

Gerônimo — Não sei, o Coroné é muito boa pessoa, mas não dá o braço a torcer.

Saci — E se ele não pagar?

Gerônimo — Aí vamos pagar com a mesma moeda. Eles preferem assim. Estão brincando com fogo, e vão se queimar com o mesmo. Mas talvez Marina salve a nossa situação, e a deles também.

Saci — Pois já que a lei é a do mais forte, vamos ver que lado a corda vai arrebentar. [OUTRO TROPEL DE UM CAVALO. É ZAQUIAS.]

Gerônimo — Aí vem o Zaquias com a velocidade de um trem.

Saci — Vamos ver a novidade. [ZAQUIAS APEIA E ENTRA EM CENA CANSADO]

Zaquias — Gerônimo — eu ouvi tudo pela janela.

Gerônimo — Ouviu o que Zaquias?

Zaquias — O Cole contratou dois pistoleiros para acabar com você.

Gerônimo — E onde eles estão?

Zaquias — Um deles vai ficar de sobreaviso, não sei a onde, mas outro já está. [UM ESTAMPIDO E ZAQUIAS TOMBA]

Gerônimo — Atenda ele aí, Saci. Está aqui um deles.

Saci — Cuidado, Gerônimo, pode ter mais que um. [OUTRO ESTAMPIDO, E GERÔNIMO RESPONDE AO FOGO]

Gerônimo — Pronto Saci, um deles já está fora da linha de fogo.

Saci — Mas o Zaquias não tem mais arranjo.

Gerônimo — Que? Ele morreu?

Saci — Sim, Gerônimo, foi muito bem atingido.

Gerônimo — O cabra atirou pelas costas. Marina não voltou até agora!

Saci — É sinal que o Coroné não vai nos ajudar.

Gerônimo — Sim, vamos tirar o corpo daqui. [OS DOIS RETIRAM O CORPO]

Saci — O pessoal do Âncora, ninguém quer bem nós.

Gerônimo — E agora é que vamos fazer eles ficarem nos odiando mais ainda.

Saci — Esses canalhas já deram fim em muitos homens nossos, pelas costas.

Gerônimo — Zaquias ia dizer que um dos pistoleiros estava aqui para me liquidar, e estava mesmo. Preciso abrir o olho agora com o outro.

Saci — Chi, e o pior é que não sabemos onde encontrar o outro. [O TROPEL DE UM CAVALO POR TRÁS DA CENA]

Gerônimo — Lá vem a Marina pelo que me parece. [FAZ QUE VÊ]

Saci — É mesmo ela.

Gerônimo — Vamos ver o que o famoso Coroné criminoso quer com nós. [MARINA ENTRA EM CENA]

Marina — Gerônimo. Perdoe-me, acho que não consigo te ajudar.

Gerônimo — Porque Marina?

Marina — Fiz tudo para convencer o papai mas não adiantou, ele está sob o domínio do Côle.

Gerônimo — Não tem importância. Todo que a gente faz, se paga, tanto o bem, como o mal.

Marina — O que você vai fazer, Gerônimo?

Gerônimo — Não é da sua conta Marina.

Marina — Por favor, não tenta nada com papai, ele não tem culpa.

Gerônimo — Quem merecer, paga.

Marina — Não vá matá-lo, eu suplico-lhe, Gerônimo.

Gerônimo — Hoje não vamos dormir, moleque Saci.

Saci — Está bem, Gerônimo

Marina — Gerônimo, por favor. Eu tentei ajudá-lo.

Gerônimo — Quem merecer, paga.

PANO RÁPIDO

FIM DO 5^o ATO

6º ATO

PRÓLOGO - GERÔNIMO SENTIU-SE RAIVOSO POR TEREM QUEIMADO A SUA MORADA, QUE COM CARINHO CONSTRUIU. ELE DISSE QUE QUEM MERECEER PAGA, VAMOS VER ISSO, NÃO RESTA DÚVIDA.

ESTA NOITE FOI GERÔNIMO QUE TEVE A IDEIA DE ATEAR FOGO NA ÂNCORA, A GRANDE ÂNCORA.

MAS FOI MUITO PERIGOSO PORQUE O CORONÉ ESTAVA LÁ DENTRO, E SÓ COM A AJUDA DAS MULETAS CONSEGUIU SAIR DAQUELE INFERNO.

VEJAMOS O QUE ACONTECEU A ELE E AO RESTO NESTE 6º ATO.

EM CENA CLAUDIA E MARINA

Claudia — Vejá que desaforo, Cóle.

Cóle — Já vi, Claudia. Já não sei mais o que faço com o imbecil.

Claudia — Não se importe, meu bem. Temos muito ainda. Deixe Gerônimo de um lado.

Cóle — E Leopoldo?

Claudia — Morreu no incêndio da casa.

Cóle — E você? Como se salvou.

Claudia — Bem...Eu corri não é?

Cóle — E deixou Leopoldo sozinho, Claudia.

Claudia — Hu, hu! Não pude salvá-lo.

Cóle — Será que não pode mesmo?

Claudia — Não diga mais nada, Cóle. Isso já não tem tanta importância.

Cóle — Como que não tem tanta importância, Claudia, sendo que ele é meu irmão.

Claudia — Não o entendo. Você mesmo desejou isso.

Cóle — Cale-se, me arrependo de ter desejado a sua morte.

Claudia — Agora compreendo. Não fico zangada de você gostar de seu irmão, porque eu também gosto de Marina.

Cóle — Mas então ele está morto mesmo?

Claudia — Eu ajudarei a esquecer o acidente.

Cóle — Pobre Leopoldo. Ele há de perdoar pelo que eu fiz.

Claudia — Agora temos que pensar em nós.

Cóle — Está bem, Claudia. Quando vamos nos casar?

Claudia — Cóle, meu bem, não se preocupe com o casamento.

Cóle — Como não? Vamos ficar assim, igual antes.

Claudia — Não meu bem. Vamos casar-nos dentro de um mês.

Cóle — E porque não casamos dentro de uma semana?

Claudia — Tenho um negócio a resolver ainda.

Cóle — Eu resolverei para você. Sou o novo dono da Âncora, ou não sou ainda?

Claudia — Pode-se considerar desde já o novo dono da Âncora. [MARINA ENTRA EM CENA E COLE SAI DE CENA].

Claudia — Fiz tudo para ver se conseguia salvar o seu pai, mas não pude.

Marina — Eu não acredito, mamãe, A senhora jamais o ajudaria.

Claudia — Marina, não seja tão estúpida assim.

Marina — Sou igual a papai. Estúpida, mas sem vergonha e fingida, igual a senhora.

Claudia — Você não prova isso de mim Marina.

Marina — Provo. Eu vi muitas vezes com meus olhos e moleque Saci também.

Claudia — Então esse negro está feito espião aqui.

Marina — Está, e não tente nada contra ele, que acho que se arrependerá depois.

Claudia — Está bem... Está bem, não vou me preocupar com isso, mas quero dizer-lhe uma coisa Marina.

Marina — Já sei. A senhora vai casar com o Cóle.

Claudia — Bem... eu não ia dizer isso, mas já que você tocou no assunto! Como você sabe. Cóle é irmão de seu pai, e como já tem prática do serviço aqui, seria um bom dono da Âncora, você não acha?

Marina — Eu não sei. Esperava casar com Gerônimo e ir embora daqui, para não vê-los nunca mais, mas ele não me ama, vou embora assim mesmo.

Claudia — Ir embora para onde minha filha? E como você deseja casar com Gerônimo, sendo que ele mandou pôr fogo em nossa casa, seu pai morreu bem dizer, por culpa dele.

Marina — É mentira, acho que Gerônimo fez o que devia fazer. Se ele fosse uma pessoa mole de se lidar, perderia tudo que tem. [MOLEQUE SACI ENTRA EM CENA]

Saci — Que tal dona Claudia? Agora estamos quites.

Claudia — Voce aqui, negro?

Saci — Sim! Eu paro mais aqui do que em casa.

Claudia — Eu bem que desconfiava que tinha um espião aqui.

Saci — A senhora não desconfiava coisa nenhuma. Eu e Gerônimo estamos em toda parte. Quem tentar nos trair, nunca sairá bem em nossa linha.

Marina — É, creio que Saci disse a verdade, mamãe.

Saci — Gerônimo quer falar com você, Marina. Me acompanhe.

Claudia — Quem é você para falar assim com minha filha?

Saci — Está bem, dona Claudia. Ela decidirá sozinha.

Marina — Já me decidi, vou agora mesmo. [SACI E MARINA SAEM DE CENA]

Claudia- [A SÓS] — Marina não me obedece mais, e não me importo, com tanto que eu e Côle sejamos felizes, Marina pode ir aonde quiser. [CÓLE ENTRA EM CENA]

Côle — Claudia, eu...não sou supersticioso, mas...

Claudia — Más o que Côle?

Côle — Eu ia passando e ouvi um gemido, atrás de uma moita.

Claudia — E que tem isso?

Côle — Nada, mas pareceu ser um gemido de Leopoldo.

Claudia — Isso não passa de uma superstição, Côle. Leopoldo morreu no incêndio.

Tenho a certeza disso.

Côle — Então vou averiguar melhor, Claudia.

Claudia — Vá Côle, tenho a certeza de que ele está bem morto nas cinzas. [COLE SAI DE CENA]

Claudia - [A SÓS] — Hó! Como esse Côle é mesmo supersticioso. Pois eu tenho toda a certeza que ele não pode escapar das chamas, há! há! há! [CORONÉ LEOPOLDO ENTRA EM CENA].

Claudia — Será que estou vendo mesmo? Não...não é possível. Não pode ser você, Leopoldo.

Coroné Leopoldo — Sou eu mesmo, Claudia, e seu trouxa confiou até a hora que quis me assassinar.

Claudia — Como você se libertou das chamas? É impossível.

Coroné Leopoldo — Nada é impossível neste mundo. Se você não me queria, não era preciso tentar me assassinar, pois como foi possível você atirar as minhas muletas pela janela, também foi possível alguém me puxar com uma corda.

Claudia — Quem fez isso?

Coroné Leopoldo — O mesmo homem que mandou pôr fogo na casa, e não tente nada contra mim, que ele está bem atrás de você.

Claudia — Leopoldo, por favor, não vá me castigar.

Coroné Leopoldo — Não, Claudia, eu não sou assim. Pode ficar com a fazenda e com o Cóle, eu e Marina vamos viver em outro lugar.

Claudia — Leopoldo, eu...

Coroné Leopoldo — Adeus, Claudia. Viva em paz com o meu amado meu irmão.
[CORONÉ LEOPOLDO SAI DE CENA]

[A SÓS] Claudia — Não era superstição de Cóle. Leopoldo está vivo. Agora todos ficarão sabendo que eu tentei assassiná-lo. É desagradável viver aqui em Lago Azul.

[COLE ENTRA EM CENA COM UMA MALA FUGINDO]

Cóle — Claudia? Com quem você está falando? Não vejo ninguém.

Claudia — Cóle onde você vai com essa mala?

Cóle — Vou me embora, Claudia, não suporto mais ficar aqui. Estou com receio.

Claudia — Eu também, me leve contigo, não quero ficar aqui sozinha. [COLE SACA O REVÓLVER]

Cóle — Não vou levar ninguém comigo. Já vou levando o suficiente de que preciso nesta mala.

Claudia — Cóle... Você não pode fazer isso comigo.

Cóle — Fique onde está, Claudia, eu só quero o ouro que você escondia tanto, e nada mais.

Claudia — É seu Cóle, mas leve-me junto. [CLAUDIA CHORA E VAI AO LADO DELE]

Cóle — Não insista.

Claudia — Eu imploro, Cóle. Não quero ficar. Eu irei junto com você.

Cóle — Eu já lhe disse que não vou levar ninguém. Morta não tentará nada contra mim.

[CLAUDIA VAI AO LADO DE COLE E COLE DISPARA CONTRA ELA. CLAUDIA TOMBA]

Claudia — Ai...

Cóle — Vou arrastá-la aqui nesta moita para que ninguém a veja. [COLE ARRASTA-A TIRANDO DA CENA]

Cóle — E agora preciso me apressar. Tenho só 15 minutos para chegar em Lago Azul tomar o trem. Espere, quero ver se não esqueci de mais nada. [COLE FICA PENSANDO]. Acho que não. Vou levar todo ouro nesta mala e dinheiro suficien-

te para minhas despesas. [COLE CHEGA ATÈ A PONTA DO PALCO. GERÔNIMO ENTRA EM CENA]

Gerônimo — Pare, Côle [COLE PARA. Deixe essa mala, você não vai mais. Aqui é o fim da trilha.

Côle — Gerônimo, poderemos entrar num acordo.

Gerônimo — Não há acordo.

Colé — Podemos repartir esse ouro que eu levo.

Gerônimo — Não me interessa. Você matou Claudia, mas o Coroné Leopoldo está vivo. Esse ouro não te pertence.

Côle — Está bem, então deixe-me ir embora, deixarei o ouro, Gerônimo. [LARGA A MALA]

Gerônimo — Nada disso. Você vai para o xadrez.

Côle — Hé! hé! hé! Venha me prender, Gerônimo. [COLE ENFRENTA-O]

Gerônimo — Não me force, Côle, tenho só uma bala no tambor.

Côle — E não irá usá-la.

Gerônimo — Bem...Acho que você prefere um duelo.

[OS DOIS FRENTE A FRENTE SACAM OS REVÓLVVERES E SE OUVES UM TIRO CÔLE TOMBA POR CIMA DA MALA]

Gerônimo — Podia bem ser diferente, mister Côle. Confiou em sua arma e na sua rapidez, mas estava muito nervoso. [OUVE-SE UM ESTAMPIDO E UM HOMEM MAL ENCARADO ENTRA EM CENA TOMBANDO COM UMA ARMA].

Gerônimo — Ei...Que é isso? [MARINA ENTRA EM CENA COM UM RIFLE NA MÃO]

Marina — Custou-me para achar uma oportunidade de ajudá-lo Gerônimo.

Gerônimo — Marina! Você salvou-me a vida.

Marina — Esse era o outro pistoleiro que Côle contratou para liquidá-lo.

Gerônimo — Nem que você me avisasse, se não tivesse atirado, eu não podia fazer nada com ele

Marina — Porque Gerônimo?

Gerônimo — Meu revólver está descarregado, veja.

Marina — E eu nunca matei ninguém.

Gerônimo — E matando agora, salvou-me a vida. [OS DOIS SE ABRAÇAM MOLEQUE SACI E CORONÉ LEOPOLDO ENTRAM EM CENA]

Saci — Eu disse que no fim ia dar tudo certo, Coroné.

Coroné — Agora não vamos brigar por causa de bens de mais raízes.

Saci — É mesmo, agora tanto faz esta como aquela, é uma coisa só.

Gerônimo — Engana-se Saci. A nossa já foi vendida. Vamos embora amanhã.

Saci — Mas eu pensei que...

Gerônimo — Creio que você não se esqueceu que somos aventureiros.

THE END

FIM

FINE

PANO RÁPIDO

FIM DA PEÇA